

## O NOSSO CATECISMO CATÓLICO:

# Doutrina apostólica autêntica sobre a Fé e a Verdade

Neste excerto editado de um discurso pronunciado pelo Padre Phillipson na conferência do *Exército de Advogados de Nossa Senhora em Boston, Massachusetts* recentemente, ele dá-nos uma explicação em profundidade da importância de um bom Catecismo Católico que seja consistente e fiel à doutrina apostólica imutável da Igreja.

*por Padre David Phillipson*

---

A palavra Catecismo deriva da palavra latina *catechismus*, que significa “ensino”. Isto é especialmente importante hoje, porque há tantas doutrinas vindas dos próprios lugares em que esperávamos encontrá-las de forma segura, que o tema do Catecismo é tão importante. Não basta ser *uma doutrina qualquer*; é preciso que seja autêntica. A doutrina *autêntica* vem dos Apóstolos.

Foi como se acendesse uma lâmpada na minha mente, quando comecei a ler o Catecismo, e a compreender que a Fé Católica – a *Fé* – não era apenas uma doutrina velha qualquer a que quisesse aderir para ficar bem comigo próprio, mas um verdadeiro corpo ou depósito, um conjunto de verdades objetivas que devem ser acreditadas com Fé. Assim, o Catecismo é um corpo de doutrina, um corpo de verdades: também chamado *Depósito da Fé*. É como se fosse um banco. Digamos que tem mil dólares no banco e que espera encontrar essa quantia no banco em qualquer altura. Portanto, devíamos poder *encontrar* as doutrinas da Igreja Católica – o Catecismo – em qualquer lugar e em toda a parte onde se poderia legitimamente procurar.

Com esta nota, é essa a razão *para nós todos termos um Catecismo*, certo? Não se trata da questão de um Catecismo, mas penso que devia estar no Catecismo: “Qual é mais importante – a sua Bíblia ou o seu Catecismo Católico?” Por exemplo, se der à costa numa ilha deserta – é a única pessoa a lá estar – e se só pudesse levar consigo um livro, qual seria ele: uma Bíblia ou um Catecismo? A resposta é que devia ser um Catecismo, porque a Bíblia é por vezes difícil de compreender, como S. Pedro disse dos escritos de S. Paulo.

Como iremos interpretar a Bíblia? Estão disponíveis várias interpretações diferentes, como se vê pelas mais de quarenta mil seitas protestantes que acreditam, todos eles, que têm a interpretação definitiva da Bíblia – embora sejam todas contraditórias. Assim sendo, como poderíamos saber em que acreditar a partir da Bíblia, se não fosse a Igreja Católica a ensinar-nos e a sintetizar esse ensino num corpo de verdades a que se chama doutrina – o Catecismo. Assim, o Catecismo não é uma velha doutrina qualquer, é o que a Igreja ensinou, vindo dos Apóstolos, e é autêntico quando é consistente, e *fiel à doutrina apostólica*. Esta doutrina não muda.

## Que Catecismo?

Todos devíamos ter um Catecismo. Poderia perguntar: “Bem, mas qual Catecismo?” “Que Catecismo devia eu ter?” Começemos primeiro com os Catecismos que não deve ter! Ou – ousar dizer – que Catecismos eu não recomendaria. Não iria recomendar um Catecismo que estudei muito bem – o novo Catecismo da Igreja Católica, publicado por volta de 1994 – embora possamos dizer que cerca de noventa e cinco por cento representam doutrina católica, verdade católica. Mesmo assim, além de alguns ensinamentos erróneos que contém – que são derivados do Concílio Vaticano II – muito da verdadeira doutrina católica que contém é contextualizada em filosofias modernas (antropomorfismos). Está centrado no homem, e é uma maneira psicológica de pensar moderna.

Portanto, mesmo se se pensar que o que li é verdadeiro, a maneira como é apresentado pode fazer com que alguém se desvie. Por exemplo, ao pensar que o homem é o expoente máximo da criação, em vez de Deus – ou coisa semelhante. Portanto, eu não recomendaria o Catecismo da Igreja Católica de 1994 ou qualquer coisa derivada dele, precisamente por estas e muitas outras razões. Isto deixa-nos com – se quisermos começar no básico, o que eu certamente encorajaria que todos fizessem – o Catecismo Penny, ou o Catecismo de Baltimore I ou II.

Recordo-me que, não há muito tempo, estava a tentar ajudar um reformado que tem 70 anos. Ele às vezes consulta-me sobre várias coisas. Eu tinha insistido em que ele aprendesse e lesse o Catecismo, mas ele disse: “Já fiz isso”. Estava a referir-se quando foi confirmado, quando andava na escola secundária. E assim pensa que já sabe o Catecismo, porque teve que o aprender aos catorze anos. Não reconhecia que, sendo adulto, a sua mente tinha mudado. Portanto, a mente precisa de ser reeducada *continuamente*. Como diz o Direito Canónico, todos os Católicos precisam de estar num processo de formação contínua na catequese – seja de que maneira for, como, por exemplo, leitura diária do Catecismo, ou leitura semanal do Catecismo.

Devia haver alguma espécie de formação catequética na vida de cada Católico! Isto significa ler o Catecismo: e vir a conferências como esta. Embora as conferências não sejam estritamente catequéticas, referem verdades catequéticas. É uma maneira de se recordar e de ser *renovado* na compreensão do ensino católico. Ouvirão os conferencistas falar da Verdade católica nas suas palestras. Este é o caminho, claro, foi sempre assim, não foi? Era feito oralmente no princípio; ao contrário da maneira como os Protestantes podem apresentar a Fé, como se tivesse caído do Céu em forma escrita!

Mesmo assim, inicialmente, até na Igreja Católica, ainda pastoralmente, é feito de pessoa a pessoa. É feito como ensinar; e a partir daí decide-se como abraçar esse ensinamento, na mente e depois na vida.

## As conferências renovam a sua compreensão catequética

Assim, vir a conferências como esta é outra maneira de renovar a sua compreensão catequética e de a elevar a um nível de adulto. Até mesmo para adultos, às vezes ajuda começar com os textos catequéticos iniciais – para o caso de os textos mais avançados serem difíceis demais para estudar. Queremos começar onde estivermos mais à vontade e avançar a partir daí – garantia a quase todos os que aqui estão – se não leram um Catecismo recentemente, ficariam surpreendidos com o que lá está contido e perguntariam a si próprios: “Acredito realmente nisto? Quando foi a última vez que ouvi *isto* a ser pregado do púlpito? Isto é realmente doutrina católica? É *realmente a verdade católica*?” Sim, é – se estiver num Catecismo de Baltimore ou Penny.

Assim, podíamos começar em termos do que seria um bom Catecismo para o início? Obviamente, todos os adultos deviam, a certa altura, atingir o nível do Catecismo de Baltimore III ou IV, que é realmente o nível de catequese da Confirmação. Devíamos todos ter estudado até ao nível de um Catecismo de Baltimore III ou Baltimore IV, que dão bastantes antecedentes. Se quisermos mesmo aprofundar o assunto, recomendá-lo-ia a todos os pais com filhos de nível catequético, ou pelo menos tendo já lido de ponta a ponta o Catecismo do Concílio de Trento. É um livro grosso, mas é também algo que devemos consultar, devemos ler, especialmente quando seja necessário.

Finalmente, o meu Catecismo favorito de todos os tempos – como ultimamente – é *The Catechism Explained* (O Catecismo explicado; esgotado, mas disponível *online*). É um grosso volume de mais de 700 páginas, mas vale o seu peso em ouro! É muito esclarecedor. Está cheio de histórias tiradas das vidas dos santos, e do que eles disseram. É muito interessante, e não se limita a explicar secamente a Fé; embeleza-a com histórias da vida real que nos ajudam a compreender como a Fé se traduz nas nossas vidas.

Espero que todos nós queiramos estar envolvidos num processo de informação constante na catequese, e em conhecer a nossa Fé. Nós realmente precisamos de conhecer a nossa Fé. Se estivéssemos num deserto, seríamos obrigados a levar connosco muita água ou ficaríamos desidratados muito depressa!

Estamos actualmente num ambiente eclesialístico em que precisamos de conhecer a nossa Fé. Não podemos contar com o género de catequese que podia normalmente ser ministrada em sermões há cinquenta anos. Não podemos esperar ter o género de consciência catequética que viria dos sermões, como acontecia há muito tempo. Precisamos de assumir a responsabilidade – como devíamos – pela nossa própria instrução, porque a nossa salvação dependerá de possuímos a *Verdade*, de termos a *Fé Católica*. Portanto, para nosso bem e para o bem dos outros, devemos conhecer a nossa Fé – conhecê-la e segui-la, e depois ser capazes de vivê-la e transmiti-la.

## O Credo dos Apóstolos

Vou agora falar de como o Credo dos Apóstolos, a doutrina da Igreja Católica, está condensada numa espécie de fórmula. As verdades fundamentais da Fé Católica estão guardadas no primeiro Credo, o Credo dos Apóstolos. Porque é chamado Credo dos Apóstolos? Porque vem dos Apóstolos. Diz a tradição que cada um dos doze Apóstolos contribuiu com um dos doze Artigos da Fé contidos no Credo dos Apóstolos. Quantos Artigos da Fé há no Credo dos Apóstolos? A resposta é doze. De onde vêm? Dos doze Apóstolos. E assim temos a resposta certa, mesmo de onde precisamos de os ir buscar – o Credo dos Apóstolos.

A palavra *Credo* vem do latim. O Credo vem desde o princípio. Os Credos começaram por ser chamados *sýmbolon*– símbolo na nossa língua. Os Credos eram chamados símbolo, não da maneira que hoje usamos essa palavra – representando algo que não existe na realidade. Na compreensão que os gregos tinham do que era um símbolo, ‘*sym*’ significa junto e ‘*bolon*’ significa juntar ou pôr junto. O Credo é algo que se juntou.

O que é que se juntou? Bem, compreendamos como a palavra ‘símbolo’ se entendia na cultura grega, antes mesmo de ser aplicada aos Credos da Fé Católica. Os símbolos eram usados da seguinte maneira: Digamos que António vem de Atenas e vai fazer negócios em Pompeia. Fica na pensão de Aquiles e trata dos seus negócios em Pompeia.

António e Aquiles tornam-se amigos, e Aquiles diz: “Sabes? Em qualquer altura que passes por aqui, por favor vem visitar-me. Gostaria muito de te ver de novo.” António está para regressar a Atenas, e diz a Aquiles: “Bem, podem passar muitos anos antes que volte aqui de novo. Podes não me reconhecer. Como é que irás saber que eu sou aquele a quem disseste que podia voltar à tua casa em qualquer altura?”

Aquiles diz-lhe: “Tenho uma moeda. Vou partir esta moeda ao meio. Dar-te-ei uma metade, e ficarei com a outra metade da moeda. Assim, sempre que voltares a esta região de Pompeia, mostra-me a tua metade da moeda, e eu verificarei que encaixa na minha metade, e então saberei quem és. Não aceitarei o que disseres; saberei que és o homem a quem disse que me visitasse em qualquer altura.”

Aconteceu que António não voltou a Pompeia, mas o seu filho decide – como está a crescer e a aproximar-se da idade adulta – que quer visitar Pompeia. António diz ao seu filho: “Não te esqueças de levar esta meia moeda e vai à casa de Aquiles. Entrega-lhe esta metade da moeda, para que ele saiba quem és e te deixe ficar na sua casa.”

Foi exactamente o que o filho faz. Pega na moeda, bate à porta e diz: “Olá! Deves conhecer-me, ou pelo menos o meu pai.” Aquiles diz-lhe: “Não sei quem és!” O filho diz: “Tenho a moeda.” Aquiles pega na sua metade da moeda, e vê que se ajustam. Os dois bocados da moeda ficam juntos, e portanto, Aquiles diz ao filho: “Sim, agora sei quem és. Agora sei que pertences aqui; és bem-vindo aqui.” *Sýmbolon*. Foi um símbolo que se juntou e se ajustou. Posso reconhecer quem és juntando esses dois bocados da moeda.

É assim que o Credo funciona: como um símbolo. Isto é, a tua metade da moeda representa as verdades da Fé Católica. Quem irá reconhecer-te com essas verdades dentro da tua mente e do teu coração? Deus irá reconhecer-te! E dir-te-á: “Sim, pertences aqui! Tens a outra metade da moeda. Eu tenho metade da moeda porque Eu sou a própria Verdade. Como acreditas nestas verdades que Eu revelei, agora reconheço-te como um dos Meus. És um Meu cordeiro e ouves a Minha voz porque ouves a Verdade. Tens a Verdade porque Eu dei-ta, e agora está resumida para ti, muito bela, no ‘Credo’.”

Professamos o Credo e o Pastor reconhece-nos e dá-nos as boas-vindas. Agora estamos todos juntos. Agora estamos juntos com Deus. Agora associamo-nos a Deus na verdade, porque temos a verdade no Credo. Ajustam-se.

### **Desorientação diabólica**

Para fazer uma distinção, “*sýmbolon*” pode fazer lembrar outra palavra semelhante – mas não exactamente a mesma – “*diabolon*”. *Diabolon* pode fazer lembrar uma palavra como *diabólico*. Diabólico significa ‘desligado, separado’.

É este o mundo em que nos encontramos – segundo a Irmã Lúcia – a desorientação diabólica. Não estamos a ser ensinados as verdades pelas pessoas de quem devíamos ouvir a Verdade católica: a saber, os padres, os Bispos e os Papas. Assim, há – como disse a Irmã Lúcia – uma desorientação diabólica, uma separação das ovelhas de Cristo do Pastor porque não estão a ser alimentadas com os verdes pastos da Verdade. Primeiro, têm que ter a Verdade.